

## 1.º ENCONTRO VICARIAL DE FORMAÇÃO ABERTA 2017/2018

### *Uma Igreja pobre e para os pobres (EG 198)*

No contexto do nosso Plano Diocesano de Pastoral, sob o lema “*Movidos pelo amor de Deus*” temos como propósito pastoral fazer crescer a Igreja do Porto como “uma Igreja que vive **da** Caridade (que tem a Sua fonte no mistério trinitário do amor de Deus, que Se revelou em Cristo e foi derramado pelo Espírito Santo em nossos corações), que vive **a** Caridade (quer como princípio de vida cristã, quer como dimensão fundamental da comunidade) e que vive **em** caridade, isto é, na alegria da comunhão (comunhão de pessoas, de bens, de serviços, ministérios etc).

Neste contexto, o plano diocesano para o presente ano pastoral 2017/2018 procura acentuar e polarizar toda a ação da Igreja, a partir da Caridade, para que esta não se torne o “parente pobre” da nossa vida pessoal e da vida das nossas comunidades, mas verdadeiramente o seu princípio vital.

Este propósito corresponde também ao desafio do Papa Francisco a redescobriremos e aprofundarmos a dimensão social da evangelização (EG, cap. IV) e as consequências comunitárias e sociais do primeiro anúncio e até da celebração da Eucaristia (Bento XVI, Sac. Carit., n.º 89), que tem uma repercussão imediata, cujo centro é a Caridade.

Pondo, por agora, de lado, todo o Antigo Testamento, em que Deus Se afirma sempre ao lado dos pobres, que são na verdade os seus eleitos, gostaria de rapidamente pôr em evidência, como, desde o princípio, o Serviço da Caridade, aparece como dever irrenunciável da Igreja. Permitam-me sete tópicos breves sobre este caminho da “uma Igreja pobre e para os pobres” (EG 198).

#### **1. A Caridade como dever da Igreja (DCE 20-25), desde o princípio**

- At 2, 42 – “*Eram assíduos ao ensino dos Apóstolos, à comunhão (koinonia), à fração do pão e às orações*”.
- At 2.44-45 – O que é esta koinonia? A comunhão de bens: «*Todos os crentes viviam unidos e possuíam tudo em comum. Vendiam terras e outros bens e distribuíam o dinheiro por todos de acordo com as necessidades de cada um*».

- At 4,32-35 – Que não haja diferença entre ricos e pobres: “*A multidão dos que tinham abraçado a fé tinha um só coração e uma só alma. Ninguém chamava seu ao que lhe pertencia, mas entre eles tudo era comum. Os apóstolos davam, com grande poder, testemunho da ressurreição do Senhor Jesus, e gozavam todos de grande simpatia. Não havia, pois, entre eles qualquer necessitado; porque todos os que possuíam terras ou casas, vendiam-nas e traziam o produto das vendas que depunham aos pés dos apóstolos. Distribuía-se então a cada um, conforme a sua necessidade*”.
- At 6,1-6 – A instituição dos sete diáconos, para o serviço das mesas, deixando para os apóstolos a oração e o serviço da Palavra. A diaconia é implantada na estrutura fundamental da Igreja: os critérios de escolha (homens de reputação, cheios do Espírito Santo e de sabedoria) mostram tratar-se não de um serviço técnico ou assistencial, mas de um ministério eclesial “*Este é, sem dúvida, um dos primeiros sinais com que a comunidade cristã se apresentou no palco do mundo: o serviço aos mais pobres*” (Papa Francisco, Mensagem para o 1.º Dia Mundial dos Pobres, n.º 2)
- Gal 2,10 – O critério dado pelos apóstolos Cefas (Pedro), Tiago e João, a Paulo e Barnabé, na visita a Jerusalém, para ver se estes não estavam a correr em vão foi este: “*que não se esquecesse dos pobres, o que procurarei fazer com o maior empenho*”.
- “*A Igreja de Roma, que preside à Caridade*” na expressão de Santo Inácio de Antioquia (+ 117)

### **Três notas essenciais:**

- a) A natureza íntima da Igreja exprime-se num tríptico dever: anúncio da Palavra (*kerygma*), celebração dos Sacramentos (*Leiturgia*) e Serviço da Caridade (*Diakonia*).

São deveres que se reclamam mutuamente, não podendo ser separados uns dos outros.

A caridade não é uma espécie de atividade assistencial que poderia ser deixada a outros, mas pertence à sua natureza, é expressão irrenunciável da sua própria essência (DCE 25 a; cf. PDP 2017/2018, 2.ª ed., pp.24-25).

- b) “*Na família da Igreja não deve haver ninguém que sofra por falta do necessário*” (DCE 25 b). “*O pobre deve sentir-se estimado como alguém de alto valor*” (EG 199).

O cuidado dos pobres é assim critério chave da autenticidade apostólica, evangélica e eucarística, da Igreja, e de grande atualidade num tempo de regresso do paganismo individualista (cf. EG 195).

Diz o nosso PDP: “*o cuidado de todos os pobres e de todas as pobreza e pelo bem integral da pessoa humana são critérios de verificação da autenticidade apostólica da Igreja e da nossa vida cristã*” (PDP 2017/2018, 2.ª ed., p.38).

Diz o Papa: “*a oração, o caminho do discipulado e a conversão encontram, na caridade que se torna partilha, a prova da sua autenticidade evangélica (...) Se realmente queremos encontrar Cristo, é preciso que toquemos o seu corpo no corpo chagado dos pobres, como resposta à comunhão sacramental recebida na Eucaristia. O Corpo de Cristo, partido na sagrada liturgia, deixa-se encontrar pela caridade partilhada no rosto e na pessoa dos irmãos e irmãs mais frágeis.*” (Papa Francisco, Mensagem para o 1.º Dia Mundial dos Pobres, n.º 3).

c) O Papa Francisco alerta-nos para não esquecermos o cuidado espiritual dos pobres (cf. EG 200), na certeza firme de que “*a maior fome dos povos é desconhecer Cristo*” (Santa Madre Teresa de Calcutá). Nesse sentido, o anúncio do Evangelho é a primeira caridade (cf. São João Paulo II, NMI 50).

2. Os pobres, na comunidade cristã, como em sua casa (cf. São João Paulo II, NMI 50; EG 199; PDP 2015-2020, p.13):

“Somos hoje desafiados na Igreja a assumir uma clara opção preferencial pelos pobres. Urge que sejamos uma Igreja pobre, para se irmanar com os pobres e para que estes se sintam «*na comunidade cristã como em sua casa*» (EG 199). Mas esta situação social exige que os cristãos atuem mais evangelicamente nas estruturas do mundo, de modo que a economia esteja ao serviço da pessoa humana. No que diz respeito à comunidade cristã procuremos responder às novas situações de pobreza com *ousadia, com criatividade e de forma coordenada*, unindo e congregando esforços entre todos os agentes e instituições da Igreja” (PDP 2015-2020, p.13).

3. O lugar privilegiado dos pobres no Povo de Deus (EG 48; 197):

- a) Chegar a todos sem exceção. A quem privilegiar? Os pobres! Os pobres são os primeiros destinatários do evangelho! Há um vínculo entre a fé e os pobres. Não os deixemos sozinhos (cf. EG 48). Daí o objetivo pastoral deste ano 2017/2018, de fazermos do anúncio do evangelho a primeira caridade e da caridade o primeiro anúncio! (cf. EG 199; 178; PDP 2017/2018, p.48), uma vez que, como já referimos, “a primeira pobreza dos povos é não conhecer Cristo” (Madre Teresa, cit. Bento XVI, Mensagem para a Quaresma 2016) e “*a evangelização é a promoção mais alta e integral da pessoa humana*” (Paulo VI, cit. PDP 2017/2018, 2.ª ed., p.30).
- b) Opção pelos pobres não é uma categoria sociológica, mas uma categoria teológica: “Unidos a Deus, ouvimos o clamor dos pobres. Esta opção deriva da nossa fé em Cristo, “*que, sendo rico, Se fez pobre*” (2 Cor 8,9):“*uma Igreja pobre e para os pobres*” (EG 198)!
4. “Os pobres não podem esperar” (Dom António Francisco): o inadiável e indesculpável cuidado dos pobres (EG 201):

*“Sejamos ousados, criativos e decididos sempre, mas sobretudo quando e onde estiverem em causa os frágeis, os pobres e os que sofrem. Esses devem ser os primeiros porque os pobres não podem esperar! Temos na história da Igreja do Porto “modelos de caridade” que nos podem guiar neste caminho”* (Dom António Francisco, *Homilia*, 6 de abril 2014).

*“Ninguém deveria dizer que se mantém longe dos pobres, porque as suas opções de vida implicam prestar mais atenção a outras incumbências. Esta é uma desculpa frequente nos ambientes académicos, empresariais ou profissionais, e até mesmo eclesiais. Embora se possa dizer, em geral, que a vocação e a missão próprias dos fiéis leigos é a transformação das diversas realidades terrenas para que toda a atividade humana seja transformada pelo Evangelho, **ninguém pode sentir-se exonerado da preocupação pelos pobres e pela justiça social**”* (EG 201)

5. Os diversos tipos de pobreza e uma nova fantasia da caridade:

Num livro, que o próprio Papa nos recomendara, logo nos primeiros dias do seu pontificado, o teólogo Walter Kasper perspetiva as 14 obras de misericórdia, como resposta integrada e integral aos diversos tipos de pobreza. Sumariamente, o autor (cf. Walter Kasper, *A misericórdia*, Ed. Lucerna, Cascais 2015, pp. 175-177; 238-240) identifica:

- a) *a pobreza física, económica ou estrutural*, naqueles a quem somos chamados a *dar de comer*,

*a dar de beber, a vestir ou a dar abrigo.*

- b) A **pobreza relacional ou social** é sobretudo característica dos *doentes, dos reclusos, dos que sofrem o luto e a solidão*. Mas o combate a esta *pobreza relacional e social* não pode ignorar aqueles a quem devemos *o perdão*, para poderem recomeçar, ou o nosso próximo, na sua fragilidade, a quem devemos “*suportar na caridade*”.
- c) Em resposta à **pobreza cultural**, aí estão tão atuais as obras de misericórdia, tais como “*dar bons conselhos*”, “*ensinar os ignorantes*” e “*corrigir os que erram*”, que correspondem ao direito universal a uma educação integral e à necessidade de orientação espiritual e vocacional.
- d) E não menos urgente é a atenção à **pobreza anímica ou espiritual**, que se faz sentir naqueles que clamam por *consolação na tristeza* e por *oração* como amparo e companhia, na vida e na morte.

*“É hora duma nova «fantasia da caridade», que se manifeste não só nem sobretudo na eficácia dos socorros prestados, mas na capacidade de pensar e ser solidário com quem sofre, de tal modo que o gesto de ajuda seja sentido, não como esmola humilhante, mas como partilha fraterna”* (São João Paulo II, NMI, 50).

O Papa Francisco na sua Mensagem para o 1.º Dia Mundial dos Pobres (n.º 5) descreve uma série de “rostos” da pobreza:

*“o sofrimento, a marginalização, a opressão, a violência, as torturas e a prisão, pela guerra, a privação da liberdade e da dignidade, pela ignorância e o analfabetismo, pela emergência sanitária e a falta de trabalho, pelo tráfico de pessoas e a escravidão, pelo exílio e a miséria, pela migração forçada: mulheres, homens e crianças explorados para vis interesses, espezinhados pelas lógicas perversas do poder e do dinheiro”* (n.º 5).

- 6. Ser pobre implica deixar-se evangelizar pelos pobres: “*quem precisa de ajuda também ajuda*” (José Tolentino Mendonça, *O pequeno caminho das grandes perguntas*, p.75)!
- a) “*Não esqueçamos que, para os discípulos de Cristo, a pobreza é, antes de tudo, uma vocação a seguir Jesus pobre. É um caminhar atrás d’Ele e com Ele: um caminho que conduz à bem-aventurança do Reino dos céus (cf. Mt 5, 3; Lc 6, 20). Pobreza significa um coração humilde, que sabe acolher a sua condição de criatura limitada e pecadora, vencendo a tentação de onipotência que cria em nós a ilusão de ser imortal. A pobreza é uma atitude do coração que impede de conceber como objetivo de vida e condição para a felicidade o dinheiro, a carreira e o luxo. Mais, é a pobreza que cria as condições para assumir livremente as*

*responsabilidades pessoais e sociais, não obstante as próprias limitações, confiando na proximidade de Deus e vivendo apoiados pela sua graça” (Papa Francisco, Mensagem para o 1.º Dia Mundial dos Pobres, n.º 4)*

- b) Deixar-se evangelizar por eles: os pobres têm um certo *sensus fidei*, são para nós o rosto de Cristo; é preciso dar-lhes voz, tornar-se amigo deles, escutá-los, compreendê-los. “Há uma misteriosa sabedoria que Deus nos transmite através deles” (EG 198): aprender dos pobres a simplicidade, a austeridade, a essencialidade das coisas... a dependência amorosa, a confiança etc.

## **7. A importância do trabalho**

O Papa Francisco tem insistido inúmeras vezes na tríade “*terra, teto e trabalho*” alertando para a dignidade que o trabalho confere. Por isso, diz que não se trata “*apenas de garantir comida ou digno sustento para todos, mas prosperidade e civilização, o que inclui educação, saúde, especialmente trabalho, porque no trabalho livre, criativo, participativo e solidário o ser humano exprime e engrandece a dignidade da sua vida*” (EG 192). “*O crescimento equitativo exige algo mais do que o crescimento económico, embora o pressuponha; requer decisões, programas, mecanismos e processos especificamente orientados para uma melhor distribuição das entradas, para a criação de oportunidades de trabalho, para uma promoção integral dos pobres que supere o mero assistencialismo*” (EG 204).

## **Conclusão: com os pobres, contra a pobreza**

- a) **Estar com os pobres, seguindo** o exemplo de São Francisco (cf. Mensagem para o 1.º Dia Mundial dos Pobres, n.º 4): uma partilha que se torne um estilo de vida!

*“Dentre todos, destaca-se o exemplo de Francisco de Assis, que foi seguido por tantos outros homens e mulheres santos, ao longo dos séculos. Não se contentou com abraçar e dar esmola aos leprosos, mas decidiu ir a Gúbio para **estar** junto com eles. Ele mesmo identificou neste encontro a viragem da sua conversão: «Quando estava nos meus pecados, parecia-me deveras insuportável ver os leprosos. E o próprio Senhor levou-me para o meio deles e usei de misericórdia para com eles. E, ao afastar-me deles, aquilo que antes me parecia amargo converteu-se para mim em doçura da alma e do corpo» (Test 1-3: FF 110). Este testemunho mostra a força transformadora da caridade e o estilo de vida dos cristãos. Não pensemos nos pobres apenas como destinatários duma boa obra de voluntariado, que se pratica uma vez por semana, ou, menos ainda, de gestos improvisados de boa vontade para*

*pôr a consciência em paz. Estas experiências, embora válidas e úteis a fim de sensibilizar para as necessidades de tantos irmãos e para as injustiças que frequentemente são a sua causa, deveriam abrir a um verdadeiro encontro com os pobres e dar lugar a uma partilha que se torne estilo de vida (...) Portanto somos chamados a estender a mão aos pobres, a encontrá-los, fixá-los nos olhos, abraçá-los, para lhes fazer sentir o calor do amor que rompe o círculo da solidão. A sua mão estendida para nós é também um convite a sairmos das nossas certezas e comodidades e a reconhecermos o valor que a pobreza encerra em si mesma” (Papa Francisco, Mensagem para o 1.º Dia Mundial dos Pobres, n.º 3)*

## **b) Contra a pobreza**

Destaco apenas os títulos provocadores do Papa Francisco na sua Exortação *Apostólica Evangelii Gaudium*:

- a) Não a uma economia de exclusão (EG 53-54)
- b) Não a uma nova idolatria do dinheiro (EG 55-56)
- c) Não a um dinheiro que governa em vez de servir (EG 57-58)
- d) Não à desigualdade social que gera violência (EG 59-60).

Ela é a raiz de todos os males (EG 203).

E daqui fica o desafio para os políticos:

“Peço a Deus que cresça o número de políticos capazes de entrar num autêntico diálogo que vise efetivamente sanar as raízes profundas e não a aparência dos males do nosso mundo. A política, tão denegrida, é uma sublime vocação, é uma das formas mais preciosas da caridade, porque busca o bem comum (...) Rezo ao Senhor para que nos conceda mais políticos, que tenham verdadeiramente a peito a sociedade, o povo, a vida dos pobres. É indispensável que os governantes e o poder financeiro levantem o olhar e alarguem as suas perspetivas, procurando que haja trabalho digno, instrução e cuidados sanitários para todos os cidadãos” (EG 205).

E lembro, a este respeito, a todos os cristãos, que a participação na vida política (na luta pelo bem comum) é uma obrigação para o cristão (EG 220).

Precisamos de congregar esforços, segundo algumas propostas do Plano Diocesano de Pastoral 2017/2018 (pp.41-42):

- “Organizar de modo atual e eficaz, integral e integrado, a Caridade na Igreja, a nível vicarial, interparoquial e paroquial” (proposta 1)
- “Articular as atividades das instituições e grupos de ação social” (proposta 5)
- “Suscitar e fazer crescer nas paróquias a dimensão social, como exigência da vida da própria comunidade, revitalizando ou criando os grupos, para uma resposta adequada” (proposta 6)

Que esta reflexão seja princípio de ação! “*Movidos pelo amor de Deus*” escutemos o clamor dos pobres e vamos ao seu encontro!

Pe. Amaro Gonçalo